**OS PODERES DA IMAGEM**

**Marita Hamann**

Com as imagens pode-se sustentar uma variedade de relações e coexistem diferentes tipos de organização social, mas trata-se de situar aqui uma tendência predominante que incide significativamente nas configurações de goze que o sujeito contemporâneo padece e, especificamente, nas novas formas de expressão de superação.

**As premisas**

A modalidade de goze que tende a se implantar a partir do que diagnosticamos como “Império das imagens”, esclarece-se quando nos centramos nas imagens digitais em particular, fruto de um desenvolvimento tecnológico surpreendente a partir do qual, justamente, têm cobrado o poder que exercem hoje. Brevemente, como assinalou S. de Campos num boletim preparatório para este ENAPOL 1 , as representações visuais pertencem a três domínios: as artesanais, relacionadas com a arte e destinadas à contemplação, nesse sentido, à perenidade; as luminosas, como a fotografia e o cinema, que aspiram à captura do instante, à circunscrição de um lapso de tempo; e as imagens digitais, que constituem o mundo virtual que nos rodeia e se transmite nas mais diversas écrans, em rede, dependentes de sistemas de computação, dispostas a saciar ao olho faminto, cuja emissão não se detém nunca: “o modelo digital configura-se como o universo do evanescente, do devir, do tempo puro, manipulável, reversível e reiniciarem em qualquer momento”. 2

Considerar ademais a caracterização da sociedade contemporânea como sociedade de controle, tal como formulou Deleuze seguindo a Foucault, nos permite traçar o que seria um novo paradigma do laço social congruente com o que o psicanálises descreve como caída dos ideais e declive da época do pai.

Sociedade de controle é um conceito que descreve uma biopolítica em particular. Basicamente, a ideia é que as sociedades disciplinarias que se despregaram nos séculos XVIII XIX e parte do XX sustentavam-se em centros de encerro nos que podia se traçar uma fronteira entre o adentro e o afora; seu projeto ideal era concentrar, repartir e ordenar o tempo e o espaço. A fábrica, a família, a escola, o quartel, o hospital, o cárcere eram seus modelos institucionais. Mas o panóptico que aqui se recreia, no que quem olha pode subtrair-se da vista dos demais, tem expirado.

O trânsito para as sociedades de controle significa que se abandona o paradigma da disciplina na fábrica, em onde o indivíduo se identifica com uma massa ou um grupo liderado por alguns, em benefício do controle na empresa, que promove a concorrência entre indivíduos e engrandece aos “empreendedores”. O que responde à fase atual do capitalismo, que se deslocou da pura concentração da produção e a propriedade ao capitalismo de vendas e serviços ou de mercados, se soma a isso a distorção criada pelos capitais golondrina e a obtenção de plusvalía através de transações financeiras de capitais fictícios (créditos e ações). E é por isso que pode se dizer, entre outras coisas, que hoje por hoje o marketing é a ferramenta privilegiada de controle social.

Isso corre simultaneamente com o que desde o psicanálises anotamos como a tendência a se identificar com outros a partir dos modos de goze (os sintomas ou os aspectos) dantes que por algum ideal, bem como a acentuação do individualismo em massa.

Por outra parte, se as sociedades disciplinarias caracterizam-se por processos que sempre voltam a começar (económicos, sociais, educativos), nas sociedades de controle nunca se termina nada, se tem de estar permanentemente informado e, consequentemente, os processos se adiam indefinidamente. E enquanto a disciplina implica uma marca que identifica ao indivíduo e um número que dá sua posição na massa, o controle define uma cifra que é uma senha, que marca ou proíbe o acesso à informação: a informática e a computação são, pois, as máquinas que se relacionam com as sociedades de controle. Efetivamente, o internet suplanta ao Outro e nada parece ficar fora de sua rede ou pode prescindir dela. Por isso também, uma vez mais, os processos são circulares, carecem de centro e de exterior. Dificulta-se deste modo outra leitura que distinga algum significante amo em especial. De uma maneira análoga e não por acaso, Lacan tem escrito o discurso capitalista como discorrendo numa sorte de circularidade sem ponto de detenção ou de corte, na medida em que suprime o real, o hétero. 4

Também as imagens interativas aparentam suprimir a distância soslayando o peso da presença real do objeto.

**Algunas consecuencias**

**-**  Uma primeira consequência é que o julgamento de ordem moral se debilita em benefício da importância que adquire “a opinião pública”. E. Laurent já o anotava um tempo atrás a propósito de um processo judicial francês no que a opinião pública, alimentada pelo medo à loucura com o que a imprensa se assegurava as vendas, influiu de maneira decisiva na condenação à prisão de um psiquiatra cujo paciente escapou do hospital e matou a uma pessoa.5 Foi o pânico da massa e o peso de sua opinião quem julgou e condenou. Mas é a opinião pública da mão das redes sociais a que constitui a verdadeira ordem de ferro no que habitamos ordem que aplasta a dimensão subjetiva no que se regista um desejo singular. Recentemente, por exemplo, Tim Hunt, Prêmio Nobel de Medicina de 2001, conseguiu fazer-se expulsar de quase todos os lugares nos que colaborava depois que seus comentários sobre a inconveniência de trabalhar com mulheres no mesmo espaço fizessem notícia e se se esparziram.

Também é instância neste sentido uma recente campanha que procura impedir que os automobilistas estacionem nos lugares reservados aos descapacitados: conseguiu-se ter sucesso ameaçando aos infratores com filmá-los e pendurar o vídeo nas redes sociais. O registo da imagem faz de prova, o goze da opinião pública acordada ao juiz mais severo e a aquisição de uma má imagem pessoal é o pior castigo. Faz-se patente que a democracia vibra na rede submetida ao olho critico que os écrans excitam. “Sim, diz Miller, queremos ser vigiados, escutados, espiados, se a vida tem que ser a esse preço. Lançar à servidão voluntária. ¿Que digo voluntária? Desejada, reivindicada, exigida. No horizonte, o Leviatã, Paz etc. Princeps… Houellebecq tem razão neste ponto: a tendência, hoje, contrariamente as aparências, não é a resistência senão a submissão”. 6

A queda da função paterna é suprida por uma nova dominação que atua sobre a pulsão fazendo ao sujeito servo da satisfação que se lhe impõe: a civilização requer governar à pulso, cuja satisfação plena é impossível; dessa impossibilidade alimenta-se o supera. A novidade da sociedade chamada hipermoderna é que implica a introdução de uma nova forma de domínio do sujeito através do fomento do vício e a insaciabilidade; o modelo de controle é o internet, o livro líquido que não terminar-se-á nunca de ler, o écran líquido, o laço líquido, sem forma nem âncora nem limite. Por suposto, isso dá lugar ao caos do que se alimenta. Aqui entra a talhar uma pedagogia que quisesse reduzir a zero as epidemias inquietantes.

A civilização hipermoderna utiliza uma estratégia dupla para domesticar a seu sujeito: de uma parte, opera com o goze subornando-o com a promessa de felicidade e adormecendo a exclusividade do desejo; de outra, apela a uma ortopedia prescritiva a sua vez desenfreada. 7

- Eventualmente, os écrans e as redes têm o poder de encarnar essa ordem de ferro que “nomeia ao sujeito” nos termos que impõe a civilização da imagem. Assim, por exemplo, um sujeito diz, sem ambages, que no dia que consiga sair na cártula da revista Forbes sentir-se-á um homem plenamente conseguido.

Se ante as câmaras de vigilância todos somos suspeitos ou inclusive culpados (quando se crê na existência do Outro, a expressão de toda alteridade nos surpreende sempre em falta), ao inverso, quando o ***parlêtre*** supõe que pode seduzir ao olho que supostamente o olha (supõe, pois, a existência do goze do Outro), faz gala de uma inocência morbosa, inescrupulosa, que evidência a presença cega da satisfação forçada.

Algo disso observamos no selfie, do que se dizia o seguinte num texto de trabalho da ELP destinado a PIPOL VII: 8“No *selfie*, quando os corpos querem entrar na imagem, os sujeitos não procuram tanto uma dialética de reconhecimento pelo outro…, não pretendem tanto ser vistos pelos outros como se ver, se encontrar. Dito de outro modo, da janela indiscreta agora emerge um espelho descarado ao que o sujeito pede que lhe diga que seu eu é seu.Leste, como dizíamos, é o ideal que a época impõe”. O s*elfie* revela, pois, de que modo o sujeito padece a captura pela imagem e o anonimato de seu ser. Para além, o sujeito “se” olha: goza-se.

Facebook ocasionalmente mostra quanto autêntica pode ser a satisfação que no entanto se pretende registar, o que não evita a frustração quando não se encontram aplausos. Novas exigências impulsivas que convidam a explorar as afinidades entre o narcisismo e o supero, bem como a diminuição do amor dado que o sujeito da frustração, uma operação imaginária, encontra-se a graça da demanda.

Ainda podemos dar um passo mais e afirmar, com G. Wajcman, que, em certos casos, a proliferação de écrans e miradas incita ao crime: “Há verdadeiro tipo de delitos que parecem se concentrar ali onde as câmaras estão presentes. Em relação com eles as câmaras não só não exercem nenhum tipo de dissuasão, senão que a potencialidade de que o delito seja visto por outros -com o que poderia chegar, inclusive, a converter na imagem da semana dos programas de notícias- funciona como um estímulo”. 9

- De facto, o poder dos écrans faz de tudo o que inclui, um espetáculo. Em primeiro lugar, há que destacar que a relação entre a imagem digital e o real é paranoica e até contraditória.

De um lado, a imagem digital pretende-se *Imagem da Coisa* mesma: não evoca senão que mostra, suprime aparentemente a distância entre a imagem do Outro e a Coisa real e aspira a não deixar nada a conta da imaginação: “Nos tempos de hoje, as imagens são fábricas do real. Portanto, no contemporâneo segue-se a orientação de que não se deve mascara o mundo, senão o mostrar como é de facto”10. E, dado que supostamente existe imagem do real, quando não se conta com a imagem, duvida-se da existência.

Achar que existe “a imagem da Coisa” é equivalente ao mandato de vê-lo tudo, um mandato que exacerba as fitas-cola, a paranoia e a curiosidade. Desde esse ângulo, esta imagem é obscena e inibem o ato consequente. Mas também se propõe atravessando a imagem, pura “mostra real”, como nas instalações artísticas, certas obras de arte com corpos ou cadáveres ou aquelas que os avanços científicos permitem capturar e a tornaram poderosa. Uma imagem, claro está, é um elemento de prova da existência de algo, mas não sem ter em conta que o ser de goze carece de imagem.

Não obstante, esquece-se que a imagem da Coisa feita para o espetáculo fabrica aquilo mesmo que representa e produz seu próprio goze real, destinado unicamente à satisfação do olho que olha; vale dizer, a “imagem do real” pinta tudo o que toca com suas próprias características, torna passageiro quanto mostra o fazendo susceptível de qualquer ridicularizarão. Trata à Coisa como resto trivial. Esta não é a imagem que a vai nem que revela senão goze da imagem como tal, cujo poder pode passar inadvertido: o de restar peso e importância a quanto mostra na medida em que ela mesma se propõe como meta, sem mais lá para ver nem compreender. 11

Como assinala G. Wajcman, a imagem digital parece prescindir de toda a janela ou marco que a localize e se supõe capaz de capturar o espaço inteiro, objetiva e sujeitada como pretende ser. escapa assim de olho absoluto ao que nada pode subtrair-se e ao que, pelo contrário, há inclusive que satisfazer. Mas esse olho é tão falso como impossível é a exclusão da opacidade do *parlêtre*. Não importa que cria Snowden, boa parte dessa vigilância que denuncia não só é absurda senão que ademais é impossível de seguir.

- Ao dito agrega-se uma importante característica destes tempos, e é o facto de que hoje em dia praticamente nenhum acontecimento seja capaz de reter a atenção de modo duradouro; ao invés, padecemos de certa ausência de acontecimentos. Como tem assinalado recentemente Gil Caroz,12 nossa época privilegia o instante da mirada corto circuitando o tempo de compreender, e o momento de concluir é com frequência imediato.

Que tenha relação entre a mirada e o saber, não é algo que surpreenda pois, ao invés, essa é uma relação que se estabelece espontaneamente (de ali precisamente o enganoso das aparências). Como se sabe, a origem da palavra cria está emparentado com o latim *videre* (ver). Em princípio, o sujeito não duvida do que vê, como rezam os ditos provenientes de certa tradição: “ver para crer”, “olhos que não veem, coração que não sente”; igualmente, a expressão “¿veste?”, ou “já vejo”, usa-se para indicar que algo se compreende, e “ponto de vista” ou “uma mirada” para significar um julgamento pessoal. Se no Século das luzes chama-se assim é porque lhe relaciona com a Iluminação do saber.

Falsear uma imagem requer um tempo, é necessário suspeitar do sentido e considerar alguma outra lógica.

O próprio da época seria então essa sorte de #8220; efeito &retorno” do uso das tecnologias que, ao diluir tempo e espaço, evitam a apreciação de um vazio; mal instalado um sistema simbólico, vacila para ceder lugar a outro. “A precipitação dos acontecimentos não se limita a uma aceleração simples sobre uma linha do tempo. As tecnologias ponta produzem um tipo de contração do tempo e do espaço. Com meios simples como Skype, ou Facebook as distâncias são abolidas e a duração fica reduzida à imediata. Mal aparece un acontecimento, el próximo asoma ya su nariz”.[[1]](#endnote-1)!3

El sujeto que así se produce queda más alienado de lo que supone a las demandas de su entorno y la actuación o el pasaje al acto son las defensas que se privilegian para intentar una separación de la mirada sin posibilidad de dialetos.

**Uma consideração final**

Temos dito que o simbólico tende a ser imaginado segundo o modelo que traça a imagem digital, e o real, a ser banalizado. Baixo essas coordenadas, não há ponto de detenção, nem acontecimento, nem relevância dos ditos. Trata-se de um modo subtil de controle, alienação que interrompe e frustra o momento de compreender. Fugacidade do instante da mirada. Submissão ao goze, sem distinção, vício que corto circula ao Outro e que atenta contra os laços ao preço da segregação.

Nestas circunstâncias, os analistas ¿seguiremos sendo os analíticos imbatíveis de uma análise que marcha a partir da divisão do sujeito e o ganho de saber? Pouco avançaremos na clínica contemporânea de não intervir tendo em conta as coordenadas da época, o que implica receber a sujeitos que são reais a fazer amizade com seu inconsciente ou que dão pouco valor ao saber.

É possível aguardar o momento para falsear essa circularidade que impede um corte, prender um ponto de detenção que seja ao mesmo tempo um ponto de partida, um ponto de apoio para traçar uma borda que localize um elemento, ou um significante que situe algum início, o artificio de um adentro e um afora. Contingentemente, pode ser qualquer coisa, propositalmente de que não será qualquer a que o consiga.

Talvez terá transferência sem retificação do sujeito com o real, mas isso já implicará o estabelecimento de um laço diferente14 e também, ao inverso, retificação que prescinda do amor de transferência para operar.

(Representantes:Antonio Aguirre, Tania Aramburo, José Gregorio Dominguez, Johnny Gavlovsky, Edwin Jijena, José Luis Rosario. Más uno: Marita Hamann)

1. 1 Sergio de Campos, “Império das imagens: um ponto de vista”, disponível em: <http://oimperiodasimagens.com.br/es/faq-items/imperio-de-las-imagenes-un-punto-de-vista-sergio-de-campos>.

   2 Óp. cit.

   3 Gilles Deleuze, Conversas 1972-1990, Edição electrónica de [www.philosophia.cl](http://www.philosophia.cl)Escola de Filosofia Universidade ARCIS., pg. 143-154.

   4 “O discurso capitalista é correlativo da generalização de forma-a Mercadoria (…) uma máquina que não se pode deter. Esta é a razão pela qual se justifica plenamente que, a que, a diferença dos outros quatro discursos, o discurso capitalista descreva uma circularidade sem fissuras, que não admite corte algum: não há nenhum elemento interno à lógica da dinâmica do sistema que entranhe sua transformação” (José Luis Rosario, Estado de exceção financeiro, Miguel Gómez Edições, Málaga, 2013, p.72).

   5 Eric Laurent, « Fabrique-a de l'individu "dangereux" », disponível em: <http://www.lepoint.fr/la-fabrique-de-l-individu-dangereux-23-12-2012-1605494_19.php>

   6 Jacques-Alain Miller, “A ilusão lírica”, disponível em: <http://www.telam.com.ar/notas/201501/91577-la-ilusion-lirica.html>.

   7 A portada do semanário do jornal francês Lhe Point, do último 7 de maio (N° 2226) diz: “Estes impensantes que querem reeducarmos: os novos puritanos, pedagogos loucos da escola, obsessos do arrependimento/Higienistas antevendo, integristas do género, maníacos da neolengua”. Não há limite neste chamado ao sacrifício dirigido aos deuses escuros, que Lacan vinculava ao narcisismo das causas perdidas.

   8 Shaila García Catalão, “Da janela indiscreta ao espelho descarado: o declive da vergonha na imagem contemporânea”, em: <http://www.pipolnews.eu/es/eurocompas-lacanien-es/de-la-ventana-indiscreta-al-espejo-descarado-el-declive-de-la-verguenza-en-la-imagen-contemporanea-shaila-garcia-catalan>/.

   9 <https://clionauta.wordpress.com/2012/05/23/gerard-wajcman-la-civilizacion-de-la-mirada>/.

   10 Sergio de Campos, óp. cit.

   11 É instância neste sentido o terceiro capítulo da segunda temporada da série britânica Black Mirror, talvez o capítulo mais elaborado de todos. O argumento consiste em que uma caricatura (Waldo), que desempenha o papel de #8220; entrevistador &” num programa político, consegue manipular o resultado de umas eleições. O meme em questão carece de vergonha, nada nem ninguém lhe diz que não; seu poder reside em evidenciar a verdadeira estofa dos candidatos políticos com os que interatua, como se dissesse: “só eu, a como se dissesse: “só eu, a caricatura que não pretende ser mais que o que é, expresso e atuo a verdade, só eu, a imagem, sou transparente”. Por último, e já que todos os candidatos são uma fraude, ele também poderia propor às eleições, ¿por que não? E, efetivamente, Waldo, a caricatura anónima mas famosa, ganha a votação.

   12 Gil Caros, “Momentos de crises”, disponível em: <https://www.facebook.com/notes/margarita-álvarez-villanueva/momentos-de-crisis-por-gil-caroz/794633660573118>.

   13 Óp. cít.

   14 Alusão a um dos textos preparatórios de PIPOL VII recentemente aparecido, disponível em:

   <http://www.pipolnews.eu/it/eurocompas-lacanien-it/transfert-senza-rettifica-roberto-pozzetti/>

   **Traducción: Joé Maurício de Santana** [↑](#endnote-ref-1)